

Superlotação e mau atendimento no H.R.T revoltam médicos e pacientes

29 AGO 1995

JORNAL DE BRASÍLIA

O Hospital Regional de Taguatinga vive o mesmo drama de seus pacientes. Corre o risco de parar na UTI por causa do mau atendimento. Os doentes reivindicam qualidade e dedicação no tratamento e os médicos reclamam decisão política do GDF para acabar com o caos na saúde pública. "Aqui você só é atendido quando está morrendo. Primeiro tem que esperar uma hora na fila para fazer a ficha, depois mais uma ou duas horas para ser chamado", desabafou a dona de casa Maria Ferreira, de 52 anos.

"O governo precisa tomar medidas sérias e urgentes para salvar a saúde pública do Distrito Federal", disse o chefe do pronto-socorro do H.R.T. Roberto Piveta. De acordo com o médico, o quadro dos hospitais do DF é grave. "A capacidade do pronto socorro do H.R.T. é de 72 leitos. Temos 95 pessoas internadas. Na semana passada chegamos a ter 130 internações".

Desesperada com a má qualidade dos serviços, a população se revolta contra os médicos que, segundo Piveta, chegam a ser agredidos física e moralmente. Piveta disse que muitos médicos estão sobre-carregados de trabalho. Ele informou que o H.R.T. atende mais de duas mil pessoas por dia, uma média de 36 mil a cada mês. "São centenas de pacientes para pouquíssimos profissionais. Os médicos tra-

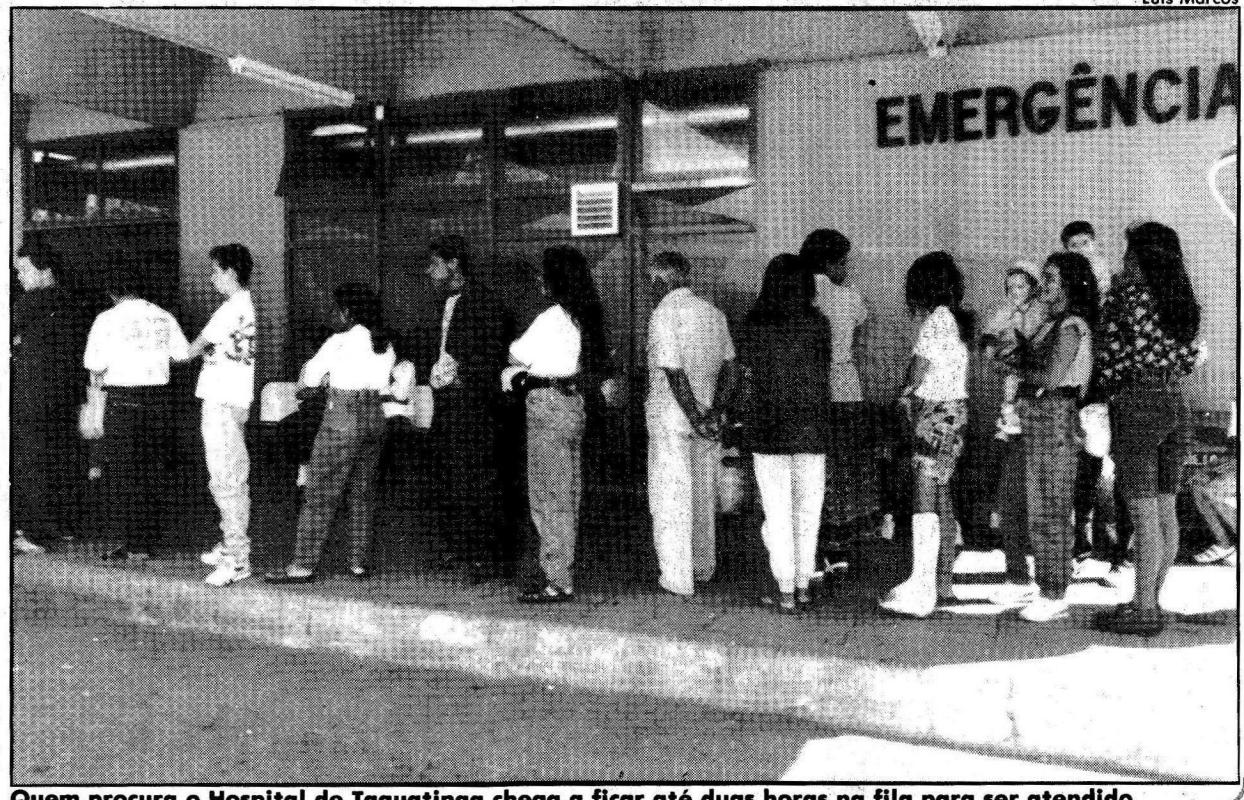
balham por amor à profissão. Ninguém quer enfrentar uma situação dessas para receber somente R\$ 720,00 mensais", disse Roberto Piveta. Para ele, o H.R.T. está em situação caótica porque várias satélites criadas recentemente, como Samambaia, Areial e Águas Claras, não têm infra-estrutura médico-hospitalar e dependem basicamente de Taguatinga. Além disso, o hos-

pital atende a população de Ceilândia e de várias cidades do Entorno e de outros estados. "Deveríamos selecionar os paciente para serem tratados aqui, mas não temos para onde enviar o restante", afirma o médico.

Sem recursos materiais e humanos suficientes, e com receio de que a população não entenda as di-

ficuldades, os médicos do hospital decidiram atender todos os doentes no limite de sua capacidade. Para isso, macas, cadeiras e poltronas são transformadas em leitos. Mesmo com os corredores superlotados os pacientes não compreendem o mal atendimento e os médicos chegam a chorar porque são obrigados a fazer mais de 12 consultas por hora.

Luis Marcos



Quem procura o Hospital de Taguatinga chega a ficar até duas horas na fila para ser atendido